

Por uma Igreja sinodal: comunhão, participação e missão.

1. “O caminho da sinodalidade é o caminho que Deus espera da Igreja do terceiro milênio. O que o Senhor nos pede, de certo modo, está já tudo contido na palavra “Sínodo”. Caminhar juntos – leigos, Pastores, Bispo de Roma – é um conceito fácil de exprimir com palavras, mas não é assim tão fácil pô-lo em prática” (*Discurso do Papa Francisco em comemoração do 50º aniversário da instituição do Sínodo dos Bispos, 17 de outubro de 2015*). É por isso que a próxima Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos terá como tema: “*Por uma Igreja sinodal: comunhão, participação e missão*”.
2. De fato, a sinodalidade nos reconduz à própria essência da Igreja, à sua realidade constitutiva, e está orientada à evangelização. É uma forma de ser eclesial e uma profecia para o mundo de hoje. “O corpo é um e, não obstante, tem muitos membros, mas todos os membros do corpo, apesar de serem muitos, formam um só corpo, assim também acontece com Cristo” (1ª Cor 12, 12). Isto é o que Santo Agostinho chama *O Cristo Total* (cf. *Sermão 341*), cabeça e membros em unidade indivisível, inseparável. Somente a partir da unidade em Cristo cabeça é que a pluralidade entre os membros do corpo adquire significado, o que enriquece a Igreja superando qualquer tentação de uniformidade. Partindo desta unidade na pluralidade, com a força do Espírito, a Igreja é chamada a abrir caminhos e, ao mesmo tempo, a pôr-se ela mesma a caminho.
3. Uma Igreja sinodal é um sinal profético sobretudo para uma comunidade de nações incapaz de propor um projeto partilhado, através do qual perseguir o bem de todos: praticar a sinodalidade é, hoje para a Igreja, a maneira mais evidente de ser “sacramento da salvação” (LG nº 48), “sinal e instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o gênero humano” (LG nº 1).
4. O Sínodo dos Bispos é o ponto de convergência deste dinamismo de escuta recíproca no Espírito Santo, conduzido em todos os níveis da vida da Igreja. Não é apenas um evento, mas um processo que envolve em sinergia o Povo de Deus, o Colégio Episcopal e o Bispo de Roma, cada um de acordo com sua própria função.

O que é a sinodalidade?

Ao convocar este Sínodo, o Papa Francisco convida toda a Igreja a refletir sobre um tema que é decisivo para a sua vida e missão: “**O caminho da sinodalidade é precisamente o caminho que Deus espera da Igreja do terceiro milênio**”. No seguimento da renovação da igreja proposta pelo Concílio Vaticano II, este caminho



em conjunto é simultaneamente um dom e uma tarefa. Refletindo juntos sobre o caminho feito até agora, os diversos membros da Igreja poderão aprender com as experiências e perspectivas uns dos outros, guiados pelo Espírito Santo. Iluminados pela Palavra de Deus e unidos em oração, seremos capazes de discernir os processos para procurar a vontade de Deus e dar seguimento aos caminhos para os quais Deus nos chama rumo a uma comunhão mais profunda, a uma participação mais plena e uma maior abertura ao cumprimento da nossa missão no mundo.

“Sínodo” é uma palavra antiga venerada na Tradição da Igreja, cujo significado recorda os conteúdos mais profundos da Revelação. Indica o caminho que os membros do Povo de Deus percorrem juntos.

A sinodalidade designa, o *estilo* peculiar que qualifica a vida e a missão da Igreja, exprimindo a sua natureza como Povo de Deus que caminha em conjunto e se reúne em assembleia, convocado pelo Senhor Jesus na força do Espírito Santo para anunciar o Evangelho. Ela deve exprimir-se no modo ordinário de viver e de agir da Igreja. São João Crisóstomo escreve: Igreja e Sínodo são sinônimos.

No primeiro milênio, “caminhar juntos”, ou seja, praticar a sinodalidade, era a maneira habitual de proceder da Igreja, entendida como “Povo reunido pela unidade do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Este modo de proceder não esmoreceu nem sequer no segundo milênio, quando a Igreja evidenciou em maior medida a função hierárquica: se na idade média e na época moderna é bem atestada a celebração dos sínodos diocesanos e provinciais, assim como a dos concílios ecumênicos, quando se tratava de definir verdades dogmáticas, os Papas queriam consultar os Bispos, para conhecer a fé de toda a Igreja, recorrendo à autoridade do *sensus fidei* de todo o Povo de Deus, que é *infallível* “*in credendo*” (EG nº 119).

O Espírito de Deus, que ilumina e vivifica este “caminhar juntos” das Igrejas, é o mesmo que atua na missão de Jesus, prometido aos Apóstolos e às gerações de discípulos que ouviram a Palavra de Deus e a puseram em prática. Em conformidade com a promessa do Senhor, o Espírito não se limita a confirmar a continuidade do Evangelho de Jesus, mas iluminará as profundidades sempre novas da sua Revelação e inspirará as decisões necessárias para sustentar o caminho da Igreja (Jo 14, 25-26; 15, 26-27; 16, 12-15). Por este motivo, é oportuno que o nosso caminho de construção de uma Igreja sinodal se deixe inspirar por duas “imagens” da Escritura. Uma sobressai na representação da “cena comunitária” que acompanha constantemente o caminho da evangelização; a outra refere-se à experiência do Espírito, em que Pedro e a comunidade primitiva reconhecem o risco de colocar limites injustificados à partilha da fé. A experiência sinodal do caminhar juntos, no seguimento do Senhor e em obediência ao Espírito, poderá receber uma inspiração decisiva da meditação a respeito destes dois momentos da Revelação.

Qual é o objetivo desse Sínodo?

A Igreja reconhece que a sinodalidade é parte integrante da sua verdadeira natureza. Ser Igreja sinodal exprime-se nos Concílios ecumênicos, nos Sínodos dos Bispos, nos Sínodos diocesanos e nos conselhos diocesanos e paroquiais. Há muitas maneiras pelas quais já experimentamos formas de “sinodalidade” pela Igreja a fora. O objetivo deste Processo Sinodal não é proporcionar experiência temporária ou única de sinodalidade, mas proporcionar uma oportunidade para todo povo de Deus discernir em conjunto como progredir no caminho para ser uma Igreja mais sinodal a longo prazo.

Se os Sínodos mais recentes examinaram temas como a Nova Evangelização, a Família, os Jovens e a Amazônia, este Sínodo concentra-se no tema da sinodalidade em si mesma. O atual Processo Sinodal que estamos a empreender é orientado por uma questão fundamental: ***Como é que este “caminhar juntos” tem lugar, hoje, a diferentes níveis, permitindo que a Igreja anuncie o Evangelho? E quais os passos que o Espírito nos convida a dar para crescermos como Igreja sinodal?***

Nesta perspectiva, o objetivo do atual Sínodo é escutar, como todo o Povo de Deus, o que o Espírito Santo está a dizer à Igreja. Escutando juntos a Palavra de Deus na Sagrada Escritura e na Tradição viva da Igreja e, depois, escutando-nos uns aos outros e especialmente aos que estão à margem, discernindo os sinais dos tempos. De fato, todo o Processo Sinodal visa promover uma experiência vivida de discernimento, participação e corresponsabilidade, onde se reúne uma diversidade de dons para a missão da Igreja no mundo.

Neste sentido, é evidente que o objetivo deste Sínodo não é produzir mais documentos. Pelo contrário, destina-se a inspirar as pessoas a sonhar com a Igreja que somos chamados a ser, a fazer florescer as esperanças das pessoas, a estimular a confiança, a vendar as feridas, a tecer relações novas e mais profundas, a aprender uns com os outros, a construir pontes, a iluminar mentes, a aquecer corações e a dar força de novo às nossas mãos para a nossa missão comum. Assim, o objetivo deste Processo Sinodal não é apenas fazer uma série de exercícios que começam e param, mas um caminho de crescimento autêntico rumo à comunhão e a missão que Deus chama a Igreja a viver no terceiro milênio.

A experiência a nível local

A finalidade da primeira fase do caminho sinodal é favorecer um amplo processo de consulta, para recolher a riqueza das experiências de sinodalidade vivida, nas suas diferentes articulações e aspectos, envolvendo os Pastores e os Fiéis das Igrejas particulares em todos os diversificados níveis, através dos meios mais adequados, em conformidade com as realidades locais específicas: a consulta, coordenada pelo Bispo, destina-se “aos Presbíteros, Diáconos e Fiéis leigos das suas Igrejas, individualmente ou associados, sem transcurar a valiosa contribuição que pode vir

dos Consagrados e das Consagradas”.

Iluminado pela Palavra e fundamentado na Tradição, o caminho sinodal enraíza-se na vida concreta do Povo de Deus. Com efeito, apresenta uma peculiaridade que é igualmente um recurso extraordinário: o seu objeto – a sinodalidade – é também o seu método. Em síntese, constitui uma espécie de estaleiro de obras ou experiência piloto, que permite começar e colher imediatamente os frutos do dinamismo que a progressiva conversão sinodal introduz na comunidade cristã. Por outro lado, não pode deixar de se referir às experiências de sinodalidade vivida, a vários níveis e com diferentes graus de intensidade: os seus pontos fortes e os seus sucessos, assim como os seus limites e as suas dificuldades, oferecem elementos preciosos para o discernimento sobre a direção na qual continuar a caminhar.

O desenrolar do Processo Sinodal a nível local também deve envolver:

- ❑ **Discernimento** através da escuta, para deixar que seja o Espírito Santo a guiar.
- ❑ **Acessibilidade**, a fim de assegurar que o maior número possível de pessoas pode participar, independentemente da localização, da língua, da educação, do estatuto socioeconómico, da capacidade/incapacidade (deficiência) e dos recursos materiais.
- ❑ **Sensibilidade** cultural para celebrar e abraçar a diversidade no seio das comunidades locais.
- ❑ **Inclusão**, fazendo todos os esforços possíveis para envolver as pessoas que se sentem excluídas e marginalizadas.
- ❑ **Parceria**, com base no modelo de uma Igreja corresponsável.
- ❑ **Respeito** pelos direitos, dignidade e opinião de cada participante.
- ❑ **Síntese precisa** que capte verdadeiramente o leque de perspectivas de crítica e de apreciação de todas as respostas, incluindo opiniões que são expressas apenas por uma minoria de participantes.
- ❑ **Transparência**, assegurando que os processos de convite, envolvimento, inclusão e reunião de contributos sejam claros e bem comunicados.
- ❑ **Justiça**, assegurando que a participação no processo de escuta trata cada pessoa de forma igual, de modo que cada voz possa ser devidamente ouvida.

Quem pode participar?

O objetivo desta fase diocesana é consultar o Povo de Deus para que o Processo Sinodal seja levado a cabo através da escuta de todos os batizados.

A fase diocesana

Grande parte da riqueza desta fase de escuta virá de discussões entre paróquias, movimentos laicais, escolas e universidades, congregações religiosas, comunidades cristãs de bairro, ação social, movimentos ecumênicos e inter-religiosos e de outros grupos.

Esta fase diocesana é uma oportunidade para as paróquias e dioceses se encontrarem, experimentarem e viverem juntos o caminho sinodal, descobrindo ou desenvolvendo instrumentos e caminhos sinodais mais adequados ao seu contexto local, que acabarão por se tornar o novo estilo das Igrejas locais no caminho da sinodalidade.

Assim, este Sínodo não espera apenas respostas que possam ajudar a Assembleia do Sínodo dos Bispos, que terá lugar em Roma, em outubro de 2023, mas deseja também promover e desenvolver a prática e a experiência de *ser sinodal* durante o processo e depois dele progredindo.

O papel do Bispo no Processo Sinodal

A sinodalidade não existe sem a autoridade pastoral do Colégio Episcopal, sob o primado do Sucessor de Pedro, e sem a autoridade pastoral de cada Bispo diocesano na diocese confiada aos seus cuidados. O ministério dos Bispos consiste em ser pastores, mestres e sacerdotes do culto sagrado. O seu carisma de discernimento chama-os a serem autênticos defensores, intérpretes e testemunhas da fé da Igreja.

O papel principal do Bispo diocesano neste Processo Sinodal é facilitar a experiência sinodal de todo o Povo de Deus no caminho para uma Igreja mais sinodal. O Bispo diocesano tem um papel fundamental na escuta do Povo de Deus na sua Igreja diocesana. O Bispo sob a inspiração do Espírito Santo, pode discernir os processos mais frutuosos de escuta do Povo de Deus na sua diocese, ao longo do caminho de sinodalidade realizado por toda a Igreja.

O papel dos Sacerdotes e dos Diáconos no Processo Sinodal

O ministério dos Sacerdotes e Diáconos tem dois pontos de referência vitais: por um lado, o Bispo diocesano; por outro lado, o povo confiado aos seus cuidados pastorais. Assim, o clero presente na Igreja local fornece um ponto de ligação útil entre o Bispo e aqueles a quem serve. Isto confere aos sacerdotes e diáconos um papel fundamental no caminhar juntos no meio do Povo de Deus, unidos com o Bispo e ao serviço dos fiéis.



Neste sentido, padres e diáconos têm um papel crucial a desempenhar no acompanhamento de todo o Povo de Deus no caminho da sinodalidade. Os seus esforços para promover e pôr em prática uma forma mais sinodal de ser a Igreja de Cristo são de importância vital. Sacerdotes e diáconos podem sensibilizar sobre a natureza sinodal da Igreja e o significado da sinodalidade nas paróquias, ministérios e movimentos que servem. Os sacerdotes e diáconos são também chamados a apoiar, encorajar, promover e possibilitar o desenrolar da fase diocesana do Processo Sinodal na Igreja local.

O roteiro (Exemplos de passos para a fase diocesana)

1. Nomeação da (as) pessoa (as) de contato da diocese.
2. Criação de uma Equipe Sinodal Diocesana.
3. Discernir o caminho para a sua diocese.
4. Planejamento do processo participativo.
5. Preparação dos coordenadores dos grupos para as reuniões da consulta sinodal.
6. Disponibilizar um seminário de orientação para a Equipe Sinodal Diocesana e coordenadores locais.
7. Comunicar a todos.
8. Implementar, monitorar e orientar o processo da consulta sinodal.
9. Reunião Diocesana Pré-Sinodal.
10. Preparação e apresentação da síntese diocesana.

Com base na pergunta fundamental, apresentada no início desta síntese, somos convidados a:

- *Recordar as nossas experiências:* Que experiências da nossa Igreja particular a interrogação fundamental nos traz à mente?

- *Reler estas experiências mais profundamente:* Que alegrias proporcionaram? Que dificuldades e obstáculos encontraram? Que feridas fizeram emergir?

- *Colher os frutos para compartilhar:* Nestas experiências, onde ressoa a voz do Espírito? O que ela nos pede? Quais são os pontos a confirmar, as perspectivas de mudança, os passos a dar? Onde alcançamos um consenso? Que caminhos se abrem para a nossa Igreja particular?

1. ACOMPANHANTES NO CAMINHO

Na Igreja e na sociedade, estamos lado a lado na mesma estrada. Na nossa Igreja local, quem são aqueles que “caminham juntos”? Quem são aqueles que parecem mais afastados? De que forma somos chamados a crescer como companheiros? Que grupos ou indivíduos são deixados à margem?

2. ESCUTAR

Escutar é o primeiro passo, mas precisa de uma mente e de um coração abertos, sem preconceitos. Como é que Deus nos fala através de vozes que por vezes ignoramos? Como ouvir os leigos, de modo especial as mulheres e os jovens? O que facilita ou inibe a nossa escuta? Como ouvimos os que se encontram nas periferias? Como se integra a contribuição dos consagrados e consagradas? Quais são alguns dos nossos limites na nossa capacidade de escutar, especialmente aqueles que têm opiniões diferentes das nossas? Que espaço existe para a voz das minorias, especialmente das pessoas que experimentam a pobreza, a marginalização ou a exclusão social?

3. FALAR

Todos são convidados a falar com coragem e parresia, ou seja, em liberdade, verdade e caridade. O que facilita ou dificulta que se fale com coragem, franqueza e responsabilidade na nossa Igreja local e na sociedade? Quando e como é que conseguimos dizer o que é importante para nós? Como funciona a relação com os meios de comunicação locais? Quem fala em nome da comunidade cristã e como são escolhidas essas pessoas?

4. CELEBRAÇÃO

Só é possível “caminhar juntos” se assumirmos como base a escuta comunitária da Palavra e a celebração da Eucaristia. Como é que a oração e as celebrações litúrgicas inspiram e guiam realmente a vida e missão comuns na nossa comunidade? Como é que inspiram as nossas decisões mais importantes? Como promovemos a participação ativa de todos os fiéis na liturgia? Que espaço damos à participação nos ministérios de Leitor e de Acólito?

5. PARTILHAR A RESPONSABILIDADE PELA NOSSA MISSÃO COMUM

A sinodalidade está ao serviço da missão da Igreja, na qual todos os membros são chamados a participar. Uma vez que somos todos discípulos missionários, como é que cada batizado é chamado a participar da vida na Igreja? O que impede os batizados de serem ativos na missão? Que áreas da missão estamos a negligenciar? Como é que a comunidade apoia os seus membros que servem a sociedade de várias formas (envolvimento social e político, investigação científica, educação, promoção da justiça social, proteção dos direitos humanos, cuidados com o ambiente, etc.)? Como é que a Igreja ajuda estes membros a viverem o seu serviço à sociedade de forma missionária? Como e por quem é feito o discernimento sobre as escolhas missionárias?

6. DIÁLOGO NA IGREJA E NA SOCIEDADE

O diálogo exige perseverança e paciência, mas também permite a compreensão mútua. Até que ponto as diferentes pessoas da nossa comunidade se reúnem para o diálogo? Quais os lugares e meios de diálogo no seio da nossa Igreja local? Como promovemos a colaboração com dioceses vizinhas, comunidades religiosas da nossa área, associações e movimentos laicais, etc.? Como abordamos as divergências de visão ou os conflitos e dificuldades? Quais as questões particulares na Igreja e na sociedade a que temos de prestar mais atenção? Que experiências de diálogo e colaboração temos com crentes de outras religiões e com as pessoas que não têm filiação religiosa? Como é que a Igreja dialoga e aprende com outros sectores da sociedade: as esferas da política, da economia, da cultura, da sociedade civil e das pessoas que vivem na pobreza?

7. ECUMENISMO

O diálogo entre cristãos de diferentes confissões, unidos pelo único batismo, tem um lugar especial no caminho sinodal. Que relações tem a nossa comunidade eclesial com membros de outras tradições e confissões cristãs? O que partilhamos e como caminhamos juntos? Que frutos colhemos do nosso caminho em conjunto? Quais as dificuldades? Como podemos dar o próximo passo para caminhar uns com os outros?

8. AUTORIDADE E PARTICIPAÇÃO

Uma Igreja sinodal é uma Igreja participativa e corresponsável. Como é que a nossa comunidade eclesial identifica os objetivos a prosseguir, a forma de os alcançar e os passos a dar? Como é exercida a autoridade ou a governação no seio da nossa Igreja local? Como pomos em prática o trabalho da equipe e a corresponsabilidade? Como e por quem são orientadas as avaliações? Como se tem promovido os ministérios laicais e a responsabilidade dos leigos? Tivemos experiências frutuosas de sinodalidade a nível local? Como funcionam os órgãos sinodais a nível da Igreja local (Conselhos Pastorais nas paróquias e dioceses, Conselho Presbiteral, etc.)? Como podemos promover uma abordagem mais sinodal na nossa participação e liderança?

9. DISCERNIMENTO E DECISÃO

Num estilo sinodal tomamos decisões através do discernimento do que o Espírito Santo está a dizer-nos através de toda a nossa comunidade. Que métodos e processos utilizamos na tomada de decisões? Como podem ser melhorados? Como é que promovemos a participação na tomada de decisões no seio de estruturas hierárquicas? Os nossos métodos de tomada de decisões ajudam-nos a escutar todo o Povo de Deus? Qual a relação entre consulta e tomada de decisões? E como as colocamos em prática? Que instrumentos e procedimentos utilizamos para promover a transparência e a responsabilidade? Como podemos crescer no discernimento

10. FORMAR-NOS NA SINODALIDADE

A sinodalidade implica receptividade à mudança, formação e aprendizagem permanente. Como é que a nossa comunidade eclesial forma pessoas mais capazes de “caminharem juntas”, de se ouvirem umas às outras, de participarem na missão e de se empenharem no diálogo? Que formação é dada para fomentar o discernimento e o exercício da autoridade de forma sinodal?

Recordamos que o objetivo do Sínodo, e por conseguinte desta consulta, não consiste em produzir documentos, mas de fazer florescer as esperanças das pessoas, a estimular a confiança, a vendar as feridas, a tecer relações novas e mais profundas, a aprender uns com os outros, a construir pontes, a iluminar mentes, a aquecer corações e a dar força de novo às nossas mãos para a nossa missão comum.